

A FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO PARA ATUAR EM BIBLIOTECAS VIRTUAIS: UMA QUESTÃO A APROFUNDAR

Helânia Oliveira Madureira
heolma@gmail.com
Lúcia Regina Goulart Vilarinho
lgvilarinho@netbotanic.com.br
Universidade Estácio de Sá

Resumo

A pesquisa focaliza a problemática da formação de bibliotecários para enfrentarem o desafio do trabalho em bibliotecas virtuais (BV), instituições localizadas no ciberespaço, marcadas pela dependência às tecnologias digitais, tendo como preocupação básica a busca seletiva de informações e sua democratização. Nesta direção buscou responder a três indagações: (a) como os cursos de formação de bibliotecários vêm preparando esse profissional para trabalhar em bibliotecas virtuais; (b) que dificuldades ele encontra em seu trabalho; (c) que caminhos utiliza para manter sua formação atualizada. Tais indagações direcionaram o estudo para uma abordagem qualitativa, sendo a coleta de dados realizada por meio de questionários *online* encaminhados a bibliotecários que atuavam em BV (17 sujeitos) e a recém formados em Biblioteconomia (seis respondentes), totalizando 23 participantes. As respostas foram analisadas com apoio da técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados daí derivados foram confrontados ao embasamento teórico centralizado nos seguintes tópicos: o moderno profissional de informação: formação do bibliotecário para atuar em BV e educação continuada do bibliotecário. Dentre as conclusões obtidas destacam-se: (a) a formação do bibliotecário está longe de privilegiar o perfil do moderno profissional da informação, especialmente por não possibilitar o amplo domínio das tecnologias digitais, que, hoje, dão suporte à gestão em rede da informação, e pela dificuldade de levar os alunos a praticarem aquilo que aprenderam de forma fragmentada e transversal na teoria. Os estágios são limitados e realizados em bibliotecas tradicionais. Nenhum dos sujeitos recém-formados conseguiu realizar estágio em BV; (b) os sujeitos encontram-se preocupados com processos de organização de suas bases de dados, que passam a ser *online*. Há indícios de que ainda se prendem à função básica da biblioteca tradicional, que é manter a memória coletiva da sociedade, desconsiderando que na era da internet a memória se torna volátil, transformando-se constantemente. Assim, a principal dificuldade refere-se à reprodução de práticas usadas na biblioteca tradicional; e (c) a formação continuada é decisão da responsabilidade dos bibliotecários; as instituições estimulam desde que seu investimento não ultrapasse a liberação de carga horária para participação em curso ou evento.

Palavras-chave: Bibliotecas virtuais. Formação do Bibliotecário. Moderno Profissional de informação.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo do século XX as bibliotecas começam a sentir mais intensamente o impacto das tecnologias da informação e comunicação (TIC). Muitas delas passaram a ter acervos cinematográficos e imagens audiovisuais (vídeos), produtos de produção mais rápida, que podem ser vistos com o simples apoio de aparelhos de TV. A possibilidade de juntar recursos dessa natureza foi permitindo a estruturação de espaços que assumiram os mesmos princípios básicos da biblioteca; surgem, então, as cinematecas¹ e videotecas².

No final do século XX o impacto se tornou mais contundente, sendo implicação da nova revolução técnico-industrial, que se projetou sobre as capacidades intelectuais e a liberação do trabalho humano (SCHAFF, 1992). Segundo este autor, a segunda revolução técnico-industrial compreende três aspectos inter-relacionados: (a) revolução microeletrônica; (b) revolução microbiológica; e (c) revolução energética, esta caracterizada principalmente pelo domínio da fusão nuclear. No bojo desse processo revolucionário, que faz surgir a “sociedade informática”, situa-se a ciência que assume paulatinamente “o papel de força produtiva” (Idem, p. 43).

Segundo Dyson (1994, *apud* LEVACOV, 1997, p. 1):

da mesma forma que a Revolução Industrial não eliminou a agricultura, mas a marginalizou de forma crescente como fonte de renda, trabalho e poder, a Revolução da Informação faz migrar o capital para a própria informação, sua distribuição e recuperação. A sociedade e a economia tornam-se, cada vez mais, *information-based*. O declínio acentuado dos custos de hardware e software e o crescimento extraordinário do acesso comercial auxiliam e aceleram esta transição. Ao subverter a economia de produção em massa, as novas tecnologias da informação diminuem os custos da diversidade, tanto em produtos quanto pessoal, desmassificando nossas instituições e nossa cultura, bem como criando um novo potencial para a liberdade humana, uma vez que eliminam a necessidade do paradigma institucional central da vida moderna: a burocratização.

A expansão da Sociedade Informática tem revolucionado as relações sociais, de tal modo que a clássica divisão da sociedade em classes, que distingue os possuidores dos não possuidores dos meios de produção, incorpora uma outra questão: os que possuem acesso à informação e os que dele estão excluídos. E esta problemática é um dos grandes entraves à

¹ Um bom exemplo de cinemateca está no Museu de arte Moderna do Rio de Janeiro, funcionando há mais de 50 anos. A história desta instituição e sua programação podem ser vistas em <www.manrio.org.br>.

² Reconhecida pelas suas pesquisas na área da saúde, a Fundação Oswaldo Cruz, localizada no município do Rio de Janeiro, possui uma videoteca que tem por finalidade não apenas produzir vídeos como, também, reproduzi-los e oferecer à comunidade científica. O trabalho educacional desta instituição nesta área pode ser visualizado em: <<http://www.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=65>>

construção das sociedades democráticas. A privação do conhecimento e a capacidade do homem pensar apoiando-se em modelos que simplificam, reduzem e distorcem a realidade (MORIN, 2001) é um dos elementos mais fortes para a produção da cegueira política e intelectual.

Uma sociedade permeada por processos informatizados, pela inteligência artificial e coletiva (LÉVY, 2004), coloca novas exigências às bibliotecas e àqueles que se dedicam a conservar e divulgar seu acervo. As mudanças em curso interessam às bibliotecas, enquanto centros de informação e pesquisa, e seus bibliotecários, situados como organizadores, coletores e socializadores de informações específicas.

Tarapanoff (2000) afirma que o bibliotecário tem tradicionalmente exercido um papel de apoio às atividades de planejar, criar e administrar a informação e o conhecimento. Julga, no entanto, que é chegada hora deste personagem ser agregador de valor e consumidor da própria informação e que existem dois pontos cruciais para se atender a este requisito: a inovação (saber aceitar a mudança, querer mudar, não ter medo de correr risco, avaliar a mudança com pesquisa); e a educação continuada. Nesta direção, a partir do final da década de 1980 e início dos anos 1990, com a nova ordem social voltada para a globalização de mercados e a quebra de paradigmas, surge um novo conceito para este profissional, situando-o como: “profissional da informação”. Como se define este Moderno Profissional da Informação (MPI)?

Se antes a atividade do bibliotecário podia ficar restrita aos limites físicos de uma biblioteca e a uma coleção, agora o uso difundido da tecnologia a serviço da informação transpõe barreiras físicas e institucionais. Antes o usuário do acervo era percebido em uma perspectiva passiva; hoje, as atenções se voltam para o cliente interativo. Por outro lado, a escassez de recursos obriga a integração e o compartilhamento de recursos e a competição industrial, bem como o avanço tecnológico, acenam para a informação estratégica.

Sintetizando esta tendência, Mueller (1985) e Guimarães (1994) caracterizam o Profissional da Informação como aquele que é capaz de fornecer a informação certa, da fonte certa, ao cliente certo, no momento certo, da forma certa e a um custo que justifique seu uso. Ponjuan (1993, p.22) fala das qualidades que garantem o M ao MIP (*Modern Information Professional*):

[...] eu, particularmente, penso que há profissionais da informação com e sem o M. Um moderno profissional da informação perde o M quando ele- ou ela - perde a capacidade de se adaptar a um meio em mudança. Flexibilidade, inovação, imaginação e criatividade são alguns dos ingredientes vitais.

O MIP é hoje uma realidade do novo contexto sócio-econômico mundial. Se antes o profissional, empunhando um diploma universitário, ocupava seu lugar na sociedade a partir das prerrogativas legais que lhe eram dadas, pautando-se em conhecimentos que havia recebido em sua formação, hoje é a vez do profissional aberto, atento e flexível às mudanças, que evidencia competências para enfrentá-las, quando necessário. A multiplicidade de suportes e a variedade de usos passaram a exigir um profissional com mais conhecimentos e, por conseguinte, habilidades, que põem em questão os rigorosos limites profissionais restritos à graduação.

Para Mason (1990) é chegada a hora de as instituições, ligadas à formação de profissionais na área de informação, preocuparem-se com o verdadeiro MIP, considerando as especificidades de cada suporte e as realidades nas quais estes profissionais vão atuar.

Diante desse contexto, nos indagamos: o ensino de Biblioteconomia, no Brasil, forma MIP? Os egressos do curso de biblioteconomia estão aptos a atuarem em bibliotecas virtuais (BV)? Para não correremos o risco de realizar uma pesquisa cuja problemática já tivesse sido investigada, levantamos no Banco de Teses e Dissertações da CAPES³, tanto na área da educação como na de biblioteconomia, os trabalhos que foram desenvolvidos nos últimos sete anos (a partir de 2000)⁴, selecionando aqueles que tratavam da relação biblioteca virtual – educação.

O levantamento, conduzido por palavras-chaves, encontrou 350 pesquisas distribuídas pelos seguintes temas: (a) biblioteca e educação – 270 teses/dissertações; (b) formação do bibliotecário – 60 trabalhos; (c) biblioteca virtual e educação – 16 estudos; (d) biblioteca virtual e formação do bibliotecário – 4 pesquisas. Verificamos, então, a existência de sete estudos que se aproximavam de nossa proposta. O que mais nos chamou a atenção foi o fato de que todos se preocupavam com a educação continuada dos profissionais da informação para atuarem em contextos marcados pela presença das TIC.

Este levantamento evidenciou a preocupação desses estudos acadêmicos com a qualificação do bibliotecário e a inserção da biblioteca no cenário acadêmico/universitário/pedagógico. Com ele verificamos, também, que a atuação em biblioteca virtual não foi considerada, apesar de estarmos, há alguns anos, na era da virtualidade produzida pela expansão da *internet*. Tal fato nos estimulou, então, a realizar

³ CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior <www.capes.gov.br/>

⁴ Optamos por uma busca nos últimos sete anos tendo em vista que é a partir da virada do milênio que a presença do computador e da *internet* se intensifica nos ambientes educacionais.

uma pesquisa, cujo foco de investigação se não for inédito no meio acadêmico, é pouco estudado.

Diante da lacuna encontrada, consideramos oportuno aprofundar a formação do bibliotecário para atuar em bibliotecas virtuais, discutindo a prática desenvolvida neste espaço, o que implicava conhecer as dificuldades deste 'novo' profissional e como investe em seu aperfeiçoamento. Para dar conta desta proposta de investigação, elaboramos as seguintes questões de estudo: (a) como os cursos de formação de bibliotecários vêm preparando esse profissional para trabalhar em bibliotecas virtuais? (b) que dificuldades esse profissional encontra em seu trabalho? (c) que caminhos percorre para manter sua formação atualizada?

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Dado ao teor das questões de estudo - relacionado à formação (inicial e continuada) do bibliotecário e às dificuldades encontradas no trabalho que ele concretiza em BV - a pesquisa assumiu uma abordagem predominantemente qualitativa.

A investigação qualitativa tem por objetivo básico colaborar para o desenvolvimento da teoria (STRAUSS; CORBIN, 2008), ou seja, busca informações e as analisa / compara / sintetiza de modo a oferecer subsídios que ampliem um determinado campo teórico.

Considerando esta diretriz, estabelecemos as etapas da coleta de dados: (a) levantamento virtual (via *sites*) das instituições de ensino superior (IES), situadas na região sudeste⁵, que oferecem curso de biblioteconomia e suas respectivas grades curriculares, para verificar semelhanças e diferenças entre elas, com atenção especial à presença de disciplinas que se referem ao processamento virtual de informações, o que pode ser indicativo de inovação em uma proposta de graduação desse profissional; (b) mapeamento das IES incluídas neste levantamento que possuíam bibliotecas virtuais e identificação da sua origem como BV; (c) levantamento dos serviços oferecidos por essas bibliotecas. Neste momento era importante saber se havia (ou não) um modelo de biblioteca virtual; (d) mapeamento dos endereços eletrônicos dos profissionais responsáveis pelas bibliotecas virtuais selecionadas, de modo que pudessem ser contatados e responder às perguntas

⁵ Optamos por fazer a pesquisa na região sudeste por ser ela, entre as demais regiões do país, a que mais congrega IES com Bibliotecas Virtuais (BV).

capazes de oferecer um conjunto de informações que articulassem as respostas às questões do estudo; (e) elaboração do instrumento de coleta de dados – um questionário *online* com perguntas fechadas (sobre formação e experiência como bibliotecário) e abertas (desmembradas das questões de estudo, objetivando atender à parte substantiva da pesquisa) - que após sua validação por dois profissionais dessa área, ambos com Mestrado em Educação, foi remetido aos bibliotecários, situados, a partir daí, como sujeitos da pesquisa.

A análise dos dados coletados nas perguntas abertas do questionário foi conduzida com apoio da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2000), de modo a se identificar os núcleos temáticos que apareciam como recorrentes nas falas dos bibliotecários e, também, aqueles que se encontravam isolados, mas que ali estavam, por algum motivo especial, merecendo ser aprofundados.

Os resultados depurados da interpretação das respostas oferecidas pelos bibliotecários no questionário *online* foram relacionados às considerações teóricas escolhidas para subsidiar a pesquisa, as quais incidiram sobre o conceito de moderno profissional de informação (MIP); formação do bibliotecário para atuar em BV e educação continuada do bibliotecário.

3. DO BIBLIOTECÁRIO AO MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO

A formação do bibliotecário, de um modo geral, se dá em dois níveis: graduação e pós-graduação. No primeiro, os objetivos fundamentais, segundo o que encontramos em sites de universidades⁶ reconhecidas no país que são: (a) formar profissionais capazes de acompanhar as transformações da sociedade, compreendendo o papel da biblioteca neste processo, identificando demandas de informação e propondo soluções inovadoras; (b) preparar profissionais para atuarem como especialistas no tratamento e difusão de informações, apoiados nas tecnologias da informação; e (c) capacitar profissionais para atuarem em nível de planejamento, administração, assessoria e prestação de serviços em redes e sistemas, bibliotecas, centros de documentação, serviços de informação.

Analisando-se a profissão de Biblioteconomia no Brasil, no transcorrer do último século, observamos que a mesma passou por distintos e marcantes períodos históricos, como apontam Mueller (1985); Guimarães (1994); Guimarães e Guarezzi (1994).

⁶ UFRJ, UFF, UFMG, USP, PUC-Campinas, UFSC.

De início encontramos a visão do bibliotecário erudito, de formação eminentemente humanista, ligado à cultura e às artes, sob forte influência francesa da École de Chartres, que norteou a criação do primeiro curso de Biblioteconomia do país: o da Biblioteca Nacional (1911-1930). Em seguida, emerge a perspectiva de bibliotecário com formação técnica, sob nítida influência norte-americana (influência esta que inspirou os primeiros cursos de São Paulo), ligada fundamentalmente ao tratamento e organização de documentos (1930-1960).

Na década de 1960 ocorre o reconhecimento oficial da profissão em nível superior, com o estabelecimento de uma legislação profissional e a criação de órgãos de classe. A partir daí, surgem os primeiros cursos de pós-graduação, inicia-se o desenvolvimento da pesquisa e são publicados os primeiros periódicos científicos na área (década de 1970).

Nos anos oitenta ocorrem as reformas curriculares dos cursos de graduação em Biblioteconomia, incorporando uma visão de bibliotecário como agente cultural de informação. E, a partir dos anos noventa, passa esta formação a ser visualizado na perspectiva de MIP.

Esta perspectiva se consolida com a expansão das tecnologias digitais e que vão permitir a criação de bibliotecas virtuais, também conhecidas como "bibliotecas sem parede", capazes de disponibilizar informações sem a necessidade de uma instalação física onde sejam armazenados livros, periódicos e/ou qualquer outro tipo de suporte de informação.

Entre as vantagens das bibliotecas virtuais (REZENDE, 200) podemos citar: (a) consulta gratuita a publicações; (b) acesso a uma multiplicidade de recursos informacionais disponíveis na rede; (c) velocidade da comunicação científica propiciada pela publicação direta na rede; (d) crescimento de usuários acessando, diretamente, a informação; (e) preservação de documentos; (f) impressão e distribuição versus distribuição e impressão; (g) personalização dos documentos; (h) leitura de texto com diferentes vozes para portadores de deficiência visual; (i) DSI – disseminação seletiva da informação; (j) localização e inclusão imediata de documentos e objetos digitais na rede, entre eles citam-se: contratos, processos e pareceres, atas e pautas, manuais, apostilas, fotos, slides e negativos, plantas e mapas, recortes, *clippings* e periódicos, normas e procedimentos; (k) localização instantânea de informação em milhões de páginas, contabilizando ganhos de tempo e produtividade; (l) preservação de documentos históricos, raros e frágeis, tais como livros, jornais, fotos, negativos, garantindo que não sofram desgaste nem sejam desencadernados.

Rodrigues (1995) faz uma reflexão sobre os problemas que limitam o acesso às bibliotecas virtuais: (a) infra-estrutura; (b) necessidade de aperfeiçoar ou desenvolver novos métodos de identificação, catalogação, organização, classificação e indexação dos recursos eletrônicos; (c) defesa do direito autoral e *copyright*, para não prejudicar os que participam do processo de produção e distribuição entre estes: autores, editores, bibliotecas; (d) necessidade de mudanças organizacionais e superação de barreiras burocráticas na implantação deste tipo de biblioteca.

Levacov (1997) aponta os obstáculos da BV e os classifica conforme sua origem: (a) legais e éticos; (b) econômicos; (c) ausência de padrões de descrição de páginas – trata-se das questões dos endereços longos e difíceis de memorizar, pois não existe um padrão; (d) metáforas e interfaces – questão de autenticidade e integralidade de documentos, obsolescência das tecnologias de preservação, armazenamento e recuperação da informação.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)⁷, já podemos observar, em nosso país, um crescimento significativo das bibliotecas virtuais, com especial destaque para a região sudeste (foco de nossa pesquisa) onde encontramos os seguintes números: (a) São Paulo 58; (b) Rio de Janeiro 45; (c) Minas Gerais 12, sendo que a sua soma (115) equivale a 64% de todas as bibliotecas virtuais do país.

Diante da expansão de BV, cabe indagar: como se define o MIP? Em termos práticos, poder-se-ia dizer que a atividade do MIP, na atualidade, estaria centrada em algumas linhas básicas de ação (ou de atividades), dentre outras cabe mencionar a gerência de unidades (e sistemas) de informação, onde o MIP está diretamente envolvido com o ambiente informativo, o *staff* informativo e os recursos informativos, dando-lhes coesão e coerência.

Se antes a visão do bibliotecário, do arquivista ou do museólogo era a de um técnico em seu sentido estrito, hoje se impõe a visão do *manager*, ou seja, aquele que: (a) racionaliza procedimentos (e gastos), indo em busca de (e compartilhando) recursos, parcerias, integrando sua unidade de informação a sistemas mais amplos; (b) sabe tratar da informação relativa à relação MIP/fonte de informação, o que segundo Smith (1986, p.11) se define como capacidade de "reunir e organizar para achar"; e (c) pratica uma ação social

⁷ O site do IBICT é <http://www.ibict.br> e o acesso a esses dados foi feito em 21/05/2008.

crítica, isto é, questiona a exacerbação do tecnicismo profissional. Atuar na gestão da informação é, sem dúvida, a principal atividade atribuída ao MIP.

Segundo Castro (2002), podemos verificar alguns aspectos do perfil do MIP, tais como: (a) atenção às técnicas biblioteconômicas e documentais; (b) atitudes gerenciais pró-ativas; (c) desenvolvimento de atividades em espaços onde haja necessidade de informação; (d) tratamento e disseminação de informação, independente do suporte físico; (e) espírito crítico e bom senso; (f) atendimento real e/ou virtual aos clientes; (g) profundo conhecedor dos recursos informacionais disponíveis e das técnicas de tratamento da documentação com domínio das tecnologias mais avançadas; (h) domínio de línguas estrangeiras; (i) ativas práticas interdisciplinares; (j) fusão entre as abordagens qualitativas e quantitativas; (l) estudo das necessidades de informação dos clientes e avaliação dos recursos dos sistemas de informação; (m) relação informação e sociedade; (n) domínio dos saberes biblioteconômicos e áreas afins; (o) planejamento e gerenciamento de sistemas de informação; (p) preocupação na análise, comunicação e uso da informação; (q) intenso processo de Educação continuada; (r) treinamento em recursos informacionais; (s) ativa participação nas políticas sociais, educacionais, científicas e tecnológicas.

Será que as escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação⁸ formam profissionais com essas capacidades, ou seja, sujeitos preparados para agir como diretores de informação, gerentes de informação, agentes de informação, gestores e outros? Nas últimas décadas, sobretudo a partir dos anos 90, tem se verificado um esforço das universidades no sentido de alterar seus currículos na tentativa de adequar o conhecimento de seus recém-graduados às expectativas das organizações.

No contexto da educação continuada Tarapanoff (1999, p. 31) define um ponto importante: “é necessário alfabetizar digitalmente todos os profissionais da informação no Brasil, em especial os bibliotecários, para que estes possam atuar, como multiplicadores e alfabetizadores na sociedade da informação”. Muitas habilidades são conseguidas durante o aprimoramento profissional, dentro de áreas distintas das que os profissionais atuam. Listá-las na Biblioteconomia seria praticamente impossível, pelo fato deste ser um profissional apto a gerenciar informação em diversas organizações, podendo também atuar em cargos e funções diferenciadas, que também exigem habilidades e competências diferenciadas.

⁸ No Brasil, existem atualmente 39 cursos de Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação, oferecidos por universidades públicas e particulares, distribuídos da seguinte forma: universidades federais e estaduais – 26; faculdades particulares - 13.

Mas a quem cabe a responsabilidade por este tipo de formação? De um modo geral, o profissional da informação é apontado como o principal responsável por sua educação continuada, tendo em vista que é quem melhor conhece suas necessidades. Esse conhecimento aciona outro componente importante, que é a motivação, de teor subjetivo, mais facilmente estimulado pelo próprio indivíduo. Motivado, o bibliotecário tende a se manter sintonizado com as possibilidades de aperfeiçoamento e acaba percebendo as opções de que dispõe para sua formação continuada: acesso à literatura especializada, nacional e estrangeira; envolvimento em projetos de pesquisa; participação ativa em grupos profissionais; participação em congressos e outros eventos; uso de redes eletrônicas de informação; acesso à *internet* para utilização de bancos de dados, navegação em sites, participação em lista de discussão.

Nocetti (1982) adverte que existem vários argumentos que justificam a limitada procura por formação contínua por parte destes profissionais, que incluem desde a falta de condições financeiras até a pouca oferta de propostas dessa natureza. Entre os argumentos situam-se: (a) as atividades de educação continuada implicam, geralmente, em gastos que o nível salarial nem sempre permite enfrentar; (b) a participação em atividades de educação continuada não é comumente reconhecida como parâmetro para promoções funcionais e/ou salariais; (c) os bibliotecários nem sempre contam com o financiamento das instituições empregadoras, em função da falta de recursos nos orçamentos para esse fim; (d) existem bibliotecas com um número mínimo de bibliotecários, o que impede a saída do profissional para um curso regular de pós-graduação ou de extensão; (e) a literatura em biblioteconômica é carente de registros de pesquisa que atendam aos interesses e necessidades dos bibliotecários em relação ao assunto em pauta; (f) poucos artigos e documentos registram experiências de educação continuada de bibliotecários, o que seria importante para aprimorar novos planejamentos; (g) as escolas de Biblioteconomia, com algumas exceções, têm negligenciado o aperfeiçoamento dos egressos bem como o investimento em maior interação com as associações de bibliotecários no que tange ao planejamento de educação continuada.

Cabe, pois, estudar formas de ajudar o bibliotecário – o MIP – a encontrar alternativas que o levem a conquistar os conhecimentos capazes de darem consistência ao seu principal papel – um disseminador do conhecimento na Sociedade da Informação.

4. A PRECARIIDADE DA FORMAÇÃO DO MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NO ÂMBITO DO ENSINO DE GRADUAÇÃO: UMA CONCLUSÃO A APROFUNDAR

Em nossas considerações iniciais, apresentamos três questões de estudo que foram respondidas com os dados coletados em campo e pensadas à luz das considerações teóricas apresentadas no capítulo três.

Tivemos a colaboração de 23 sujeitos, a saber: 17 profissionais com experiência na atividade de bibliotecário e seis recém formados, que responderam a questionários encaminhados via correio eletrônico. Os 17 bibliotecários atuavam em bibliotecas que se apresentavam, em *site* especializado, como possuidoras de BV, o que, de início, nos animou em relação a uma coleta significativa de dados. Os recém formados não tinham experiência de trabalho em BV, mas deles o que interessava recolher eram dados sobre o conhecimento oferecido ao longo de seu curso de graduação sobre este tipo de biblioteca.

Nossa primeira questão de estudo visava saber como os cursos de formação de bibliotecários vêm preparando esse profissional para trabalhar em bibliotecas virtuais. Separamos as respostas em dois grupos: as dos bibliotecários experientes e as dos novatos.

Apenas 41% dos profissionais experientes consideraram satisfatória a formação oferecida e justificaram a posição assumida: de um modo geral, as universidades não oferecem a capacitação necessária para o trabalho com as tecnologias; no entanto, ensinam a lógica necessária aos processos de seleção, organização, atualização, depuração, armazenamento, divulgação dos dados, o que constitui a base das atividades desse profissional. O conhecimento prático vem depois com a experiência profissional e a realização de cursos de atualização. Salientaram que o MIP precisa ir além do saber lidar com as tecnologias digitais; ele tem, necessariamente, que saber interagir com o usuário, ser dinâmico, participativo, entre outras qualidades, o que implica vivência prática intensa. Portanto, para esse grupo de sujeitos, a base teórica deve ser sólida de modo a garantir o domínio e a versatilidade dos processos lógicos de tratamento da informação. Um deles salientou que é da interação qualidade do curso – qualidade do aluno que se tem o profissional competente.

Em contrapartida, 29% desses profissionais afirmam que a formação não atende às necessidades de um MIP, tendo em vistas problemas como: falta de laboratórios de informática destinados especificamente ao curso, estágios supervisionados realizados apenas em bibliotecas tradicionais, falta de professores atualizados em BV, conteúdos

incompletos. Consideraram que são poucas as instituições que investem na qualidade do estágio. Além do grupo que não se manifestou sobre esta formação (23%), ainda encontramos um sujeito (7%) que a considerou parcial, na medida em que os formadores enfatizam os aspectos teóricos dos conteúdos, deixando de lado a questão de sua aplicação prática.

Percebemos nas falas de todos esses sujeitos, tanto nas que defendem quanto nas que negam a consistência da formação oferecida, uma sensação de incompletude dos cursos de Biblioteconomia (não podem abarcar tudo), expressa como algo inerente a este nível de ensino, o que os levou a se colocarem a favor de processos de formação continuada. A maioria desses profissionais experientes (65%) tem se valido de cursos de atualização (desde os mais rápidos até a pós-graduação *stricto-sensu* – mestrado) para obter conhecimentos que lhes permitam atuar em BV. Isto ocorre por que a maioria realizou sua graduação há muitos anos atrás. Outras formas de atualização para o trabalho em BV, utilizadas por esses profissionais, foram: participações em eventos; estudo / leitura de textos específicos, troca de experiências entre colegas de trabalho. Podemos, então, concluir que os bibliotecários experientes tanto apresentam críticas à formação recebida como à oferecida na atualidade.

Para os recém formados, os cursos realizados também possuem lacunas. Os que se vinculavam à universidade localizada no estado do Rio de Janeiro indicaram que não havia uma disciplina voltada especificamente para o tema BV; já o respondente que realizou seu curso em Minas Gerais disse que, apesar de ter tido esta disciplina em seu currículo, teve problemas de ordem didática. De qualquer forma, a maior parte desses respondentes considerou as disciplinas insuficientes em termos de preparar o MIP, uma vez que não têm a BV como foco específico; elas abordam a questão de forma transversal, o que torna o conteúdo superficial, incompleto e fragmentado. Ficou também registrada a ênfase em conteúdos teóricos em detrimento de experiências práticas, ou seja, a falta de situações concretas para aplicação da teoria.

Quanto à realização do estágio supervisionado, componente curricular indispensável na formação de um profissional, verificamos que nenhum respondente teve esta atividade orientada para BV. Tal constatação nos permite inferir uma despreocupação com a formação do MIP e a expansão da realidade virtual na sociedade em geral e, em particular, na área da biblioteconomia. Os registros desses sujeitos ainda sugerem a existência de sutis mecanismos de exclusão dos alunos das propostas de estágio feitas por

instituições que possuem este tipo de serviço. Além desses problemas, os recém formados destacaram a falta de oportunidades de estágio, especialmente em BV.

Inferimos, então, que os cursos desses respondentes ainda privilegiam a formação do bibliotecário tradicional, oferecendo uma visão superficial da problemática BV; conseqüentemente prejudicam a formação do MIP.

A segunda questão desta pesquisa se dirigiu às dificuldades deste profissional em seu trabalho. Aqui consideramos apenas as respostas dos profissionais experientes, o que nos levou a perceber três ordens de problemas, a saber:

(a) nascimento da BV no bojo de uma biblioteca tradicional – ainda que esta origem seja a mais comum, ela produz efeitos diversos, entre os quais se destaca a transposição da lógica da administração da biblioteca tradicional para a BV. A migração lenta de um modelo para outro dificulta a expressão das potencialidades da BV. Daí ter sido enfatizada a necessidade da BV nascer de um projeto próprio, com *softwares* específicos de gestão que dêem conta da adequada utilização das tecnologias digitais de ponta no tratamento das informações. Ficou clara, também, a interferência negativa de profissionais muito especializados na gestão da biblioteca tradicional que, ao se inserirem em BV, comprometem a viabilização de propostas que têm outra natureza, por serem essencialmente virtuais. Nesses contextos as resistências acabam aparecendo e prejudicando as inovações;

(b) o processo de gestão da biblioteca – os problemas levantados referem-se a: falta de apoio do setor de informática; quantitativo insuficiente de pessoal de apoio (poucos funcionários para a quantidade de tarefas); desatualização das bases de dados, o que acaba por emperrar as ações dos bibliotecários; recursos tecnológicos obsoletos; sobrecarga de trabalho para o bibliotecário; falta de apoio das agências de fomento; usuários muito exigentes, que não compreendem as dificuldades da biblioteca e de seus profissionais;

(c) o corpo de conhecimentos do próprio bibliotecário – que, na maioria das vezes, não dá conta de todas as possibilidades que uma BV pode oferecer. Este conhecimento, fruto de uma formação realizada há vários anos e questionável, também, em termos de sua qualidade, passa a exigir desse profissional esforço contínuo de estudo / aperfeiçoamento. No entanto, não são todos que se lançam em cursos ou eventos de reciclagem; muitos se limitam a ler (leituras escolhidas por conta própria ou por sugestão de algum colega) ou a trocar experiências em conversas informais com companheiros de trabalho. Tais opções redundam em saber fragmentado, desconectado de um projeto específico de BV.

Cabe destacar que encontramos um grupo significativo de profissionais experientes (4 – 23%) afirmando que não sentiam qualquer dificuldade em relação ao seu trabalho; buscamos, então, verificar os motivos dessa segurança. Três deles disseram que constantemente participavam de cursos e eventos na área, mas um deles registrou que a prática cotidiana lhe dava os ensinamentos necessários para enfrentar os desafios da BV. Tais posições nos levam a inferir a existências de processos pouco comprometidos com o saber-fazer. Não há prática que não tenha dificuldades, que não enfrente desafios; basta apenas refletir criticamente sobre ela.

Para complementar nossas inferências a respeito das dificuldades de trabalho do bibliotecário, julgamos interessante considerar o que os recém formados disseram em termos de realização de estágios. Os problemas que passaram como alunos acabam se refletindo na prática profissional. Como já destacamos anteriormente, eles não conseguiram estagiar em BV; também não tiveram atividades extracurriculares que os levassem a conhecer melhor este tipo de biblioteca. Afirmaram, ainda, que não tinham tempo para outras atividades fora do horário das aulas por que trabalhavam. É provável que essas limitações contribuam para uma visão simplificada do que seja uma BV e acabem levando o profissional a *não ver dificuldades no seu trabalho* ou a *ver as dificuldades fora de si*, ou seja, as dificuldades passam a se situar nas tecnologias, na falta de apoio financeiro ou de pessoal, no usuário.

A última questão de nosso estudo procurou saber que caminhos esses profissionais utilizam para manter sua formação atualizada.

A participação em cursos (treinamentos, capacitações, especializações) constitui a estratégia principal utilizada por esses profissionais e estimulada por suas instituições para o aprofundamento dos conhecimentos na área de BV. Um grupo significativo dos profissionais com experiência (70%) afirmou lançar mão deste instrumento. No entanto, nas falas desses sujeitos surgiu um destaque a cursos gratuitos, no sentido de que eram valorizados por que o investimento se tornava menor. Aqui fica um pergunta sobre a relevância desses cursos. Sabemos que muitos deles são de curta duração e, assim, pouco acrescentam aos conhecimentos dos participantes. Este fato sinaliza limitações nos processos de formação continuada. A participação em eventos da área também aparece como outra estratégia utilizada. Cabe registrar uma prática que começa a aparecer: a criação de comunidades virtuais onde os profissionais trocam informações sobre suas experiências.

As respostas oferecidas ainda nos permitiram perceber que o apoio dado pelas instituições aos profissionais para se especializarem refere-se basicamente à liberação de carga horária; o compromisso com os custos é bem mais difícil. Somente nas respostas de dois respondentes (12%) observamos indícios de que suas instituições buscavam realizar uma política de incentivo à formação continuada. Na maioria das falas ficou evidente que cabe aos bibliotecários a responsabilidade de escolher os cursos, treinamentos e eventos e, na maioria das vezes, arcar com as despesas.

As dificuldades em relação ao aperfeiçoamento profissional não estão apenas no nível da profissão; os recém formados também revelaram um desconhecimento das possibilidades que sua própria universidade oferecia em termos de formação continuada. A maior parte deles nem sabia que sua instituição tinha mestrado nesta área. Os professores foram destacados como os estimuladores de estudos continuados.

Ainda que nossas questões de estudo não estivessem interessadas em identificar as atividades desenvolvidas por um MIP, não podemos deixar de registrar aqui a visão desses sujeitos sobre as mesmas. As perguntas dos questionários que buscavam saber: (a) se eles sabiam quais eram os serviços que caracterizavam uma biblioteca virtual; (b) quais eram as atividades específicas de uma biblioteca tradicional que permanecem na BV; e (c) quais as atividades básicas que o Moderno Profissional da Informação (MIP) realiza em uma BV (todas já depuradas no capítulo quatro), oferecem uma série de pistas que podem ser aprofundadas. Delas pode-se extrair, por exemplo, um rol de atividades práticas conduzidas por bibliotecários em BV, para ser analisado nos cursos de formação à luz da teoria e das possibilidades dos recursos digitais. Foi importante apresentar essas perguntas aos profissionais para que pudéssemos ter uma idéia de sua experiência com BV e, assim, compreender melhor suas respostas às perguntas do questionário que estavam diretamente relacionadas às questões de pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A conclusão dessa pesquisa se dá no confronto entre nossa abordagem teórica e os achados anteriormente apresentados.

Na literatura verificamos que o MIP se destaca como um especialista na busca seletiva da informação, sendo capaz de enfrentar o desafio da avassaladora disseminação de dados, o que vai exigir, de pronto, o domínio das tecnologias de informação e comunicação (TARAPANOFF, 1999). Já Amaral (1998) vê esse profissional como um

agente de mudança, o que vai exigir dele a capacidade de gerenciar os recursos informacionais. Portanto, a visão que emerge entre os autores estudados é a de um gestor da informação, alguém que saiba desenvolver planejamento e administração estratégicos e isto vai muito além do domínio de métodos e técnicas de processamento da informação.

Com a pesquisa de campo depreendemos que a formação deste profissional está muito longe de privilegiar o perfil do MIP, especialmente por não possibilitar o amplo domínio das tecnologias digitais, que hoje dão suporte à gestão em rede da informação, e pela dificuldade de levar os alunos a praticarem aquilo que aprenderam (limitadamente, de forma fragmentada e transversal) na teoria. Os estágios são limitados e realizados em bibliotecas tradicionais. Nenhum dos sujeitos recém-formados conseguiu realizar estágio em BV. Sem um estágio (nem que fosse de observação) em BV os alunos não podem perceber a complexidade da gestão da informação. Assim, a tendência será, caso venham a ter que se inserir em uma biblioteca onde o paradigma é totalmente diferente (tem como base a virtualidade dos dados), reproduzir as práticas tradicionais.

Cabe afirmar que a formação do bibliotecário ainda não atende à dimensão de MIP e, portanto, muitos estudos devem ser conduzidos para tornar esta proposta uma realidade.

Outra conclusão que aqui se impõe refere-se às dificuldades de atuação em BV. Vimos na revisão da literatura que é usual a criação da BV no bojo de uma biblioteca tradicional. Trata-se de um processo evolutivo que acaba levando as marcas de uma prática baseada em armazenamento / ordenação de papéis. Assim, nossos respondentes, bibliotecários experientes atuando em BV, registraram suas dificuldades (típicas de processos tradicionais de gestão da informação), sem enfatizar o princípio básico da BV – a preocupação deixa de ser com o lugar onde se encontram os documentos para concentrar-se no acesso. O lugar passa a ser secundário tanto para o bibliotecário como para o usuário. A biblioteca aponta as fontes de informação sem, necessariamente, possuir a propriedade física das mesmas (LEVACOV, 2000). Então, o bibliotecário, na condição de MPI, precisa ser capaz de depurar as informações, garantindo sua confiabilidade. É neste aspecto crucial que ele vai fazer a diferença. Um usuário, com alguma experiência em navegação na internet, é capaz de localizar a informação e acessá-la, mas conhecer a sua procedência é algo muito complexo.

As respostas encontradas nos permitem concluir que os sujeitos dessa pesquisa encontram-se preocupados com os processos de organização de suas bases de dados, que passam a ser *online*. Há, portanto, indícios de que ainda se prendem à função básica da biblioteca tradicional, que é manter a memória coletiva da sociedade. Com a internet, a

memória assume outras dimensões: ela se torna volátil, estando em constante transformação. Isto vai levar a Ciência da Informação e seus profissionais a repensarem questões como autoria, autenticidade e permanência (LEVACOV, 2000). Torna-se, pois, urgente que a formação deste profissional se volte para o novo mundo que se abre com as BV. Nenhum dos respondentes abordou essas questões em suas respostas. Isto evidencia que o caminho dessas instituições, entre nós, ainda está começando.

Por último, estabelecemos as conclusões sobre a formação continuada desses profissionais. Vimos na literatura que, de um modo geral, o profissional da informação é apontado como o principal responsável por sua educação continuada, tendo em vista que é quem melhor conhece suas necessidades (NOCETTI, 1982). No entanto, esse mesmo autor aponta vários problemas que levam esse profissional a encontrar dificuldades no seu aperfeiçoamento, entre eles: questões financeiras; pouca oferta de cursos nessa área; inexistência de relação entre as atividades de formação continuada e a melhoria na carreira profissional; sobrecarga de trabalho, o que impede saídas para os processos de aperfeiçoamento; escassez de literatura sobre pesquisas nesta área.

As respostas encontradas na pesquisa de campo não diferem muito do que selecionamos na revisão da literatura. Acreditamos que neste ponto está a maior vulnerabilidade da formação do bibliotecário na perspectiva de MIP. Uma vez que os cursos de graduação não privilegiam o perfil de MIP, era de se esperar que os bibliotecários tivessem melhores oportunidades para os processos de aperfeiçoamento; mas não é isto que observamos com nossa pesquisa.

Esta conclusão sugere, pois, a necessidade de novos estudos que aprofundem sugestões dos bibliotecários para sua formação continuada.

Sem dúvida estamos em uma outra etapa do processo evolutivo das bibliotecas e o bibliotecário precisa se preparar para assumir sua identidade de ciberbibliotecário. Neste sentido, ele é um desbravador, um pioneiro e o que produzir será a base de uma nova visão de biblioteca e informação.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, S. A. *Marketing: abordagem em unidades de informação*. Brasília: Thesaurus, 1998.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

CASTRO, C. A. Formação do profissional da informação: abordagem crítico reflexiva. In : _____ (Org.). *Ciência da informação e biblioteconomia: múltiplos discursos*. São Luis, MA : EDUFMA ; EDFAMA, 2002, p.185-199.

GUIMARÃES, J.A.C. A ética na formação do bibliotecário. *Palavra-chave*, São Paulo, v.8, p:5-8, out. 1994.

GUIMARÃES, J.A.C, GUAREZZI, S. Divulgação profissional: uma proposta pedagógica como suporte ao desenvolvimento da profissão bibliotecária no Brasil. *Transinformação*, Campinas, v.6, n.1/3, p:43-59, jan./dez. 1994.

LEVACOV, M. Bibliotecas virtuais. *Revista da FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre, n. 6, p. 70-85, 1997. Disponível em: <http://www.ultra.pucrs.br/famecos/rf6.maril.html>. Acessado em maio de 2007.

_____. Bibliotecas virtuais. In: MARTINS, F. M. ; SILVA, J. M. da. (Org) *Para navegar no século XXI – tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre, RS: Edipucrs, 2000, p. 261-286.

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência e o futuro do pensamento na era da informática. 13. ed. São Paulo: Ed. 34, 2004.

MASON, R. O. What is an information professional? *J. Educat. Library Information Science*, Arlington, v. 31, n. 2, p. 122-138, Fall 1990.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000

MUELLER, S.P.M. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v.14, n.1, p:3-16, jan./jun. 1985.

NOCETTI, M. A. Educação continuada para bibliotecários: revisão de literatura In: MACHADO, U. D. (Org). *Estudos avançados em biblioteconomia e ciência da informação*. Brasília: ABDF, p 14-37,1982.

PONJUAN D. G. Does the Modern Information Professional have a life cycle? *FID News Bulletin*, v.43, n.3, p.61. mar. , 1993.

REZENDE, A. P. de. Centro de informações jurídico-eletrônico e virtual. *Ciência da Informação*, v. 29, n. 1, p. 51-60, jan./abr. 2000. Disponível em: <http://www.ibict.br/cionline/artigos/> Acesso em agosto de 2008.

RODRIGUES, E. Bibliotecas virtuais e cibertecários: o futuro já começou. *Cadernos de BAD*, v.3, p. 23-24, 1995.

SCHAFF, A. *A sociedade informática: as conseqüências sociais na segunda revolução industrial*. 3.ed. São Paulo: UNESP, 1992.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TARAPANOFF, K. *Perfil do profissional da informação no Brasil: diagnóstico de necessidades de treinamento e educação continuada*. Brasília, DF: IEL/DF, 1999.

TARAPANOFF, K; ARAÚJO JÚNIOR, R. H. de; CORMIER, P. M. J. Sociedade da informação e inteligência em unidades de informação. *Ciência da informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 91-100, set./ dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php.htm>> Acesso em outubro de 2008.